



## OS CAMPONESES SERICICULTORES DE DIAMANTE DO SUL/PR: ENTRE A SUBORDINAÇÃO DA RENDA E A RESISTÊNCIA NA TERRA<sup>1</sup>

Vanessa Bueno Arruda<sup>2</sup>  
Djoni Roos<sup>3</sup>

### RESUMO

Este trabalho propõe discutir a subordinação da renda da terra a partir do recorte espacial dos camponeses sericicultores no município de Diamante do Sul-PR, vinculados ao sistema de “parceria” com a empresa integradora Bratac. O foco principal é compreender o processo de subordinação da renda da terra, mas também as resistências camponesas que ali podem florescer, mesmo que contraditoriamente, para se manter no campo. A questão agrária no Brasil é um problema o qual não está resolvido, sendo que sujeitos foram excluídos do acesso à terra, problema que se reflete em Diamante do Sul. Vemos ainda camponeses os quais buscam estratégias de sobrevivência para se manter no campo. Uma delas pode ser vista pelas famílias camponesas que trabalham na sericultura, vivendo em pequenas propriedades.

**Palavras-chave:** Campesinato, Contradição, Subordinação.

### ABSTRACT

This paper proposes to discuss the subordination of land income of the sericulture peasants from the spatial clipping of Diamante do Sul-PR, linked to the “partnership” system with the integrator company Bratac. The main focus is to understand the process of subordination of land income, but also to learn about the peasant resistance that may emerge there, even if contradictorily, to remain in the countryside. The agrarian issue in Brazil is a problem that has not been resolved, since people were excluded from access to land, situation that is reflected in Diamante do Sul. We also see peasants who seek survival strategies to stay in the countryside, one of which can be seen by peasant families who work in sericulture and live on small properties.

**Keywords:** Peasantry, Contradition, Subordination.

### INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo discutir a subordinação da renda da terra a partir da compreensão de autores como Oliveira (1996), Martins (1981), Paulino (2003), entre outros. Para estes autores, o campesinato não está fadado ao desaparecimento, pois está inserido dentro

<sup>1</sup> O presente trabalho faz parte da pesquisa de mestrado intitulada “Subordinados da terra: Os sericicultores e as formas de resistência camponesa em Diamante do Sul-PR”, o qual está em andamento.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia *Strictu Sensu* da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Marechal Cândido Rondon-PR. Email: [vanessa.b.arruda@gmail.com](mailto:vanessa.b.arruda@gmail.com)

<sup>3</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Marechal Cândido Rondon-PR. Email: [djoni\\_roos@yahoo.com.br](mailto:djoni_roos@yahoo.com.br)



do processo capitalista. Contudo, várias linhas teóricas distintas foram desenvolvidas ao longo de décadas a fim de discutir o campesinato. Exemplo de autores como Lênin (1985), Kautsky (1972), os quais possuem abordagens distintas, mas ambos discutem seu desaparecimento diante da expansão do capitalismo no campo. A partir do aprofundamento destes autores em suas distintas correntes, iremos debater para compreender o camponês sericicultor no município de Diamante do Sul, mesorregião Oeste do Paraná.

As desigualdades no campo brasileiro são históricas, a expansão do capitalismo no campo ocorre de forma contraditória. Desse modo, o conceito de monopolização do território camponês proposto por Oliveira (1996) nos ajuda a compreender o processo de subordinação da renda da terra. Este processo, tipicamente capitalista, acontece por vias não capitalistas de produção, com o trabalho camponês familiar.

A questão agrária no Brasil é um problema o qual não está resolvido, sendo que sujeitos foram excluídos do acesso à terra, problema que se reflete em Diamante do Sul. Vemos ainda camponeses os quais buscam estratégias de sobrevivência para se manter no campo. Uma delas pode ser vista nas famílias camponesas que trabalham na sericicultura, vivendo em pequenas propriedades em Diamante do Sul.

A produção camponesa de bicho-da-seda, controlada pelo capital industrial, é exemplo de subordinação da renda da terra. O sericicultor deve cumprir com diversas regras durante o cultivo, além dos financiamentos, mantendo uma relação de dependência com a empresa. Porém, os camponeses buscam formas para se recriar neste processo capitalista e assim, permanecer no campo.

## **METODOLOGIA**

Nosso estudo de caso tem como base métodos qualitativos e quantitativos. Realizou-se levantamento bibliográfico para compreender e aprofundar o entendimento sobre conceitos como: território, monopolização do território, territorialização do capital, subordinação da renda da terra, questão agrária, capitalismo no campo, agricultura camponesa, entre outros.

Utilizou-se dados agropecuários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) e do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), a fim de compreender a realidade agrária em âmbito nacional, estadual e local. Além da compreensão e contextualização de Diamante do Sul. Realizou-se visitas à Emater do respectivo município para recolhimento de dados, além de conversas informais com os responsáveis destes órgãos.



Ocorreu uma tentativa de visita à empresa Bratac, para levantamento de dados e informações sobre a sericultura, porém, houve empecilhos por parte da empresa e a mesma não disponibilizou dados recentes.

O trabalho está em andamento, desse modo, o foco principal serão futuros trabalhos de campo nas propriedades camponesas e aplicação de entrevistas gravadas, com a devida permissão dos mesmos, contendo perguntas abertas aos sericultores do município, a fim de compreender a realidade destes camponeses e analisar as contradições existentes na produção do bicho-da-seda no sistema de integração com a empresa Bratac. Ainda, analisaremos a resistência camponesa e as formas de permanência no campo. Não haverá um número fixo de entrevistados, pois se utilizará do método da saturação. Em seguida serão feitas as transcrições e posteriormente problematizadas à luz das teorias científicas que nos ajudarão a compreender a realidade posta.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Diversas linhas teóricas dizem respeito ao campesinato, exemplo de autores como Lênin (1985), Kautsky (1972), os quais alegam o desaparecimento do campesinato. Outros autores como Oliveira (1996), Martins (1981), Paulino (2003), compreendem que as relações não capitalistas de produção são criadas e recriadas pelo próprio capital, sendo uma contradição de seu desenvolvimento.

Lênin (1985) ao explicar sobre o capitalismo russo e o seu desenvolvimento, destaca que é inevitável a desintegração do campesinato. O campo divide-se de um lado pela burguesia rural e de outro, pelo proletariado. Conforme o autor:

O conjunto das contradições existentes no interior do campesinato constitui o que denominamos desintegração do campesinato. Empregando a palavra 'descamponização', os próprios camponeses fornecem uma definição extremamente precisa e relevante desse processo, que redundará na destruição radical do antigo campesinato patriarcal e na criação de novos tipos de população rural. (LÊNIN, 1985, p. 113)

Com a desintegração, o campesinato antigo tenderia a desaparecer, surgiriam novas populações rurais como a burguesia rural e o proletariado rural. A burguesia rural, (ou o campesinato rico), são os camponeses que praticam a agricultura mercantil. Apesar de ser uma minoria, este grupo seria predominante tanto nos produtos agrícolas quanto na produção no campo (LÊNIN, 1985).



Já o proletariado rural (campesinato pobre), são aqueles que possuem um lote comunitário, ou ainda que não têm nenhum pedaço de terra. Este grupo para sobreviver, precisa vender sua força de trabalho e constitui a maior parte da população rural (LÊNIN, 1985).

Kautsky é outro autor que compreende o desaparecimento do campesinato. Em sua obra *A questão agrária* (1980), discute o processo de industrialização da agricultura. O camponês, que antes possuía sua própria indústria doméstica, capaz de satisfazer suas necessidades, agora fica mais dependente do dinheiro e do mercado. Dessa forma, seus produtos agrícolas transformam-se em mercadoria. O camponês com sua pequena propriedade e suas dificuldades de acompanhar esse processo de industrialização, acaba endividado, podendo ser expropriado de sua terra, levando-o a proletarização. Ao contrário da grande propriedade, que tem condições de obter mais maquinários e se modernizar, tornando-se superior à pequena propriedade (KAUTSKY, 1980).

Kautsky (1980), pondera que a partir do desaparecimento da indústria doméstica e a industrialização da agricultura, surge a necessidade de contratar operários assalariados a fim de suprir os serviços agrícolas. Tais serviços são temporários, sendo ocupados por filhos e filhas de camponeses que buscam serviços acessórios em troca de um salário (KAUTSKY, 1980). Deste modo, o autor afirma que o camponês que antes trabalhava com sua família, passa a ser um trabalhador assalariado.

Para Kautsky (1980), uma possibilidade de evitar a proletarização do campesinato seria a inserção em cooperativas,

Compreendendo que só poderá salvar-se por intermédio da produção agrícola cooperativa, o camponês compreenderá também que uma produção desse gênero só se realizará onde e quando o proletariado tenha força de modificar a forma da sociedade no sentido dos seus interesses. Mas então ele será socialista. (KAUTSKY, 1980, p. 79).

Tanto Kautsky, quando Lênin avaliavam que os camponeses não tinham consciência de classe e não tinham competência de pensar politicamente, conseqüentemente não contribuiriam para a revolução. A luta de classe pelos camponeses seria possível caso se tornassem proletariados.

Contudo, Oliveira (2007) discute que a expansão do capitalismo no campo ocorre de forma contraditória, uma vez que não se dá apenas por meio das relações de produção tipicamente capitalistas, como o trabalho assalariado. Mas também por meio da subordinação da renda da terra camponesa:

Nesse caso, quando submete o camponês aos seus ditames, está sujeitando a renda da terra ao capital. Está convertendo a renda da terra embutida no produto produzido pelo camponês e sua família em capital. Está se apropriando da renda sem ser o proprietário



da terra. Está produzindo o capital pela via não especificamente capitalista. (OLIVEIRA, 2007, p. 32)

O capital se apropria da produção camponesa familiar, sendo esta, não capitalista, para se expandir. Compreendemos, entretanto, que os camponeses não estão “fora” do processo capitalista, sendo uma contradição do próprio capital. Oliveira (2007), destaca que o modo capitalista de produção cria e recria relações não capitalistas de produção. Devemos entender que latifúndio e campesinato são de *dentro* do capitalismo e não de fora dele. Apesar do campesinato estar dentro do processo capitalista, ele não deixou de ser camponês, podemos perceber, pelo seu modo de vida, pelo seu jeito de produzir, para manter a sobrevivência sua e da família.

Martins (1981) em sua obra “*Os camponeses e a política no Brasil*” nos ajuda a entender sobre a renda da terra. Primeiramente, temos que compreender que *terra* não é capital, pois não é produto do trabalho humano, mas sim, um bem natural, não contendo valor. Assim, o capitalista para conseguir se apropriar da terra precisa pagar uma renda para o proprietário. “A licença para a exploração capitalista depende, pois, de um pagamento ao seu proprietário. Esse pagamento é a renda da terra.” (MARTINS, 1981, p. 161). A partir da apropriação da terra, Martins (1981) expõe que o capital subordina o trabalho agrícola, apesar de parecer que a terra é capital, na verdade a terra produz renda.

A partir da compreensão do conceito de renda, Martins (1981) também discute sobre a sujeição da renda da terra ao capital:

Na medida em que o produtor preserva a propriedade da terra e nela trabalha sem o recurso do trabalho assalariado, utilizando unicamente o seu trabalho e o da sua família, ao mesmo tempo que cresce a sua dependência em relação ao capital, o que temos não é a sujeição formal do *trabalho* ao capital. O que essa relação nos indica é outra coisa, bem distinta: estamos diante da *sujeição da renda da terra ao capital*. (MARTINS, 1981, p. 175. Grifos do autor).

O capital pode sujeitar a renda da terra camponesa através dos sistemas de integração. O capital industrial além de financiar insumos, possui diversas regras que os produtores devem cumprir em todo o processo de cultivo, criando uma dependência com a empresa. O camponês não tem por intuito acumular capital, mas sim manter a reprodução da sua existência, o seu modo de vida, sua sobrevivência e de sua família. Esta é a diferença com o capitalista, que visa a acumulação, seja por relações capitalistas (lucro) ou não capitalistas (renda), como a subordinação camponesa. Nesse sentido, Paulino (2003) nos esclarece que:

[...] existem dois tipos de propriedade privada da terra: a capitalista e a camponesa. Dentro da propriedade capitalista, a terra constitui-se em objeto de negócio, seja pelo fato de consistir em instrumento de exploração do trabalho alheio, logo, de extração de mais-valia, seja pelo fato de ser mantida como instrumento de especulação, em outras palavras, reserva de valor. Quanto à propriedade camponesa, constitui-se em



terra de trabalho, restrita a exploração ao regime de trabalho familiar, não sendo instrumento de acumulação de capital, mas de sobrevivência da família. (PAULINO, 2003, p. 19-20).

Devemos lembrar que o camponês não é um sujeito de fora do capitalismo, conforme a autora menciona, a propriedade camponesa também é privada. A diferença está no modo como o campesinato enxerga a terra, ou seja, como *terra de trabalho*, diferente da propriedade capitalista, que a vê como *terra de negócio*.

Portanto, há duas formas de subordinação da renda da terra: pela territorialização e pela monopolização do território. A territorialização se dá através da expropriação do camponês, como por exemplo no setor sucroalcooleiro, em que capital industrial e proprietário tornam-se um só (PAULINO; ALMEIDA, 2010). Já a monopolização ocorre quando “[...] o capital pode monopolizar o território sem territorialização e isso se dá quando o capitalista não é dono da terra, mas cria condições para sujeitar a renda da terra, onde aparentemente ela não existe, ou seja, na agricultura camponesa.” (PAULINO; ALMEIDA, 2010, p. 44). A monopolização ocorre por exemplo na produção de frango, fumo, bicho-da-seda, na produção de cítricos, entre outros

[...] situações que comumente chamamos de camponeses integrados às indústrias (agricultura de contrato), por exemplo, de fumo, de bicho-da-seda, de frango, entre outros. Nesses casos o capitalista não imobiliza dinheiro na compra da terra, ele não territorializa-se. O camponês continua dono da terra e o capitalista, por sua vez, sujeita a renda da terra por meio da monopolização do território. (PAULINO; ALMEIDA, 2010, p. 45).

É por meio da monopolização do território que os camponeses sericicultores de Diamante do Sul estão subordinados à Bratac. No processo de produção, a família camponesa não precisa de muitos maquinários, abrangendo o cultivo das amoras e a manutenção dos estágios de crescimento das larvas. Porém, este trabalho junto com a renda da terra é subordinado pela empresa, que possui um vínculo com o camponês através do sistema de “parceria”, termo que é contraditório, já que a empresa exige uma série de regras na propriedade e na produção.

A sericultura está voltada exclusivamente ao mercado externo. Ou seja, os fios de seda são conduzidos às empresas mundiais, tornando este setor dependente das oscilações do mercado internacional, conforme aponta Paulino (2012):

Tudo isso torna essa atividade bastante peculiar, totalmente à mercê das oscilações, que tanto podem resultar de condições internas dos países compradores, como dos movimentos mais gerais da economia mundial. Isso afeta diretamente os sericicultores, ocasionando, alternadamente, momentos de retração e expansão da atividade. (PAULINO, 2012, p. 155).



Por este motivo, a qualidade do bicho-da-seda está ligada com o cuidado manual dos camponeses em torno de seu ciclo, da atenção exclusiva na alimentação das larvas, além da qualidade das folhas de amoras, alimento específico da espécie. É preciso de cuidados detalhados até mesmo no alojamento da lagarta em apenas uma quadrícula dos bosques, de maneira que não se produza casulos duplos ou manchados, os quais deixam de obter valor comercial (PAULINO, 2012).

O peso e a aparência são fatores cruciais que determinam o valor que se paga pelos casulos. Fato que implica, conforme aponta Paulino (2012), no processo de industrialização, que nada mais é do que o desenrolar dos casulos. Ou seja, se o casulo for menor, requer em mais emendas, depreciando assim, o valor alcançado pelo fio industrializado. Vale destacar que na industrialização também requer cuidados, por esse motivo é que se contratam trabalhadoras mulheres, devido a delicadeza da função. Nesse sentido:

Como se pode observar, as exigências da atividade são de tal ordem que a sua viabilidade requer trabalhadores especiais, sobretudo no campo, cujo envolvimento com as necessidades diretas e indiretas dos bichos-da-seda vai interferir em toda a cadeia produtiva. Sem equívoco, pode-se afirmar que as demandas desses ditam, quase sem restrições, a rotina e o ritmo de trabalho dos camponeses. (PAULINO, 2012, p. 167).

Essas circunstâncias apontadas por Paulino (2012), nos faz refletir que o bicho-da-seda é um artigo de luxo, dependente do mercado internacional, a qual se sustenta pelo trabalho familiar camponês. Ou seja, por trás das grandes grifes articuladas à seda, está todo o trabalho, a subordinação e a exploração da riqueza produzida pelos camponeses.

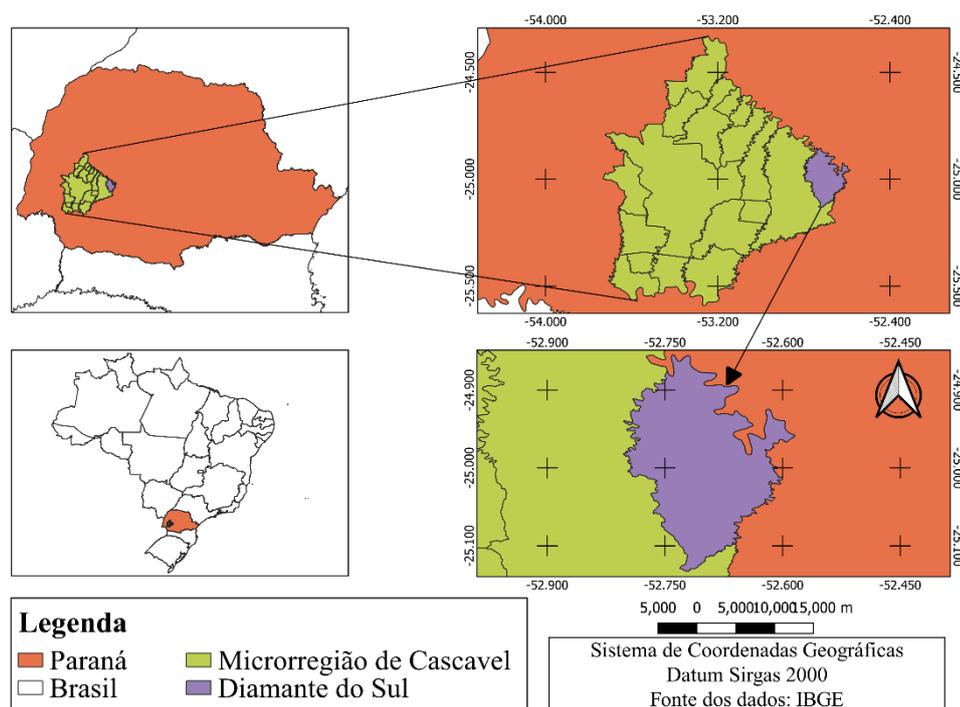
Neste processo ocorre contradições que são importantes de serem ponderadas: Primeiramente, a Bratac é uma empresa capitalista que se utiliza de relações não capitalistas, como o trabalho familiar camponês. Neste contexto, o camponês sericicultor não está desaparecendo, pois faz parte do processo capitalista. Portanto, estes camponeses continuam se reproduzindo enquanto camponeses, ou seja, não desaparecem visto que não se transformam em trabalhadores assalariados. Sabemos que o sericicultor se sujeita às regras da Bratac, entretanto, é importante observar este processo de modo dialético, considerando que os camponeses visualizam neste, possibilidades contraditórias de permanência na terra.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O município de Diamante do Sul, está localizado na microrregião de Cascavel, na mesorregião Oeste do Paraná (Figura 1). Possui uma área de 347,233 Km<sup>2</sup> e sua densidade demográfica em 2010 era de 9,75 hab/km<sup>2</sup> (IBGE). O município limita-se com os municípios

de Guaraniaçu, Altamira do Paraná, Laranjal e Nova Laranjeiras. Diamante do Sul antes dos anos 1990 pertencia ao município de Guaraniaçu, foi emancipado pela Lei Estadual n.º 9316 de 1 de julho de 1990, mas só em 1993 foi desmembrado de Guaraniaçu (IPARDES, 2021). O município também está inserido na região conhecida como Cantuquiriguaçu, nome oriundo da junção dos vales dos rios Cantu, Piquiri e Iguazu e que conforma uma das regiões com os menores de IDHs do estado do Paraná.

**Figura 1:** Localização Diamante do Sul-PR



**Fonte:** FELIX, 2021; Org: ARRUDA, 2021.

Uma das particularidades de Diamante do Sul é sua população ser em sua maioria rural. Segundo o IBGE (2010), a população total do município corresponde a 3.510 pessoas, das quais 2.105 vivem na área rural e 1.405 na área urbana. Esse fato, somado a estrutura fundiária (que veremos na sequência) indica que grande parcela da população no meio rural é formada por camponeses, que vivem em suas propriedades e possuem sua produção inserida em vários setores da economia, sendo um deles a sericicultura. Portanto, grande parcela dos imóveis representam as pequenas propriedades, ou seja, a maior parte dessa população estará nessas propriedades de até 50 hectares.

A partir dos dados do Incra (2011), pode-se aferir o grau de concentração da terra em Diamante do Sul. Na Tabela 1 expõem-se estes dados os quais evidenciam que: 318 imóveis (76,62%) com menos de 50 hectares ocupam uma área de 22,09%; os imóveis de 50 até menos de 200 hectares correspondem a 17,83%, ocupando uma área de 26,16%; os imóveis de 200 até



2.500 hectares (1,20%) ocupam 51,74% da área total. Entretanto, os imóveis acima de 2.000 hectares representam apenas 2 (0,48%), mas ocupam uma área correspondente à 20,46%.

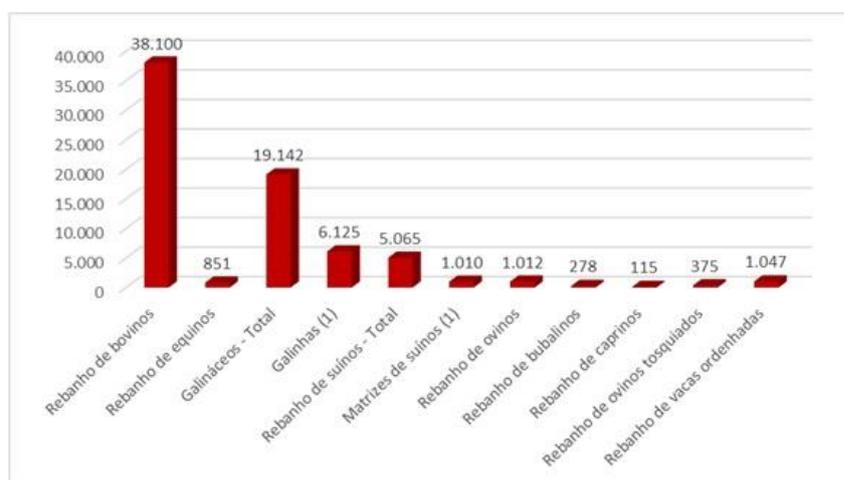
**Tabela 1:** Estrutura Fundiária de Diamante do Sul- PR, 2011.

Classes de área (em ha)	Nº de imóveis	%	Área (ha)
MENOS DE 1	9	2,17	4,3000
1 A MENOS DE 2	8	1,93	11,6000
2 A MENOS DE 5	46	11,08	162,6600
5 A MENOS DE 10	53	12,77	396,1100
10 A MENOS DE 25	117	28,19	2035,3346
25 A MENOS DE 50	85	20,48	3090,6201
50 A MENOS DE 100	49	11,81	3244,1336
100 A MENOS DE 200	25	6,02	3507,0000
200 A MENOS DE 500	18	4,34	5705,6914
500 A MENOS DE 1000	3	0,72	2367,0000
1000 A MENOS DE 2000	0	0	0,0000
2000 A MENOS DE 2500	1	0,24	2081,6000
2500 E MAIS	1	0,24	3200,1000
<b>TOTAL</b>	<b>415</b>	<b>100</b>	<b>25.806,1497</b>

Fonte: INCRA, 2011, Org: ARRUDA, 2021.

A concentração de terras em Diamante do Sul possui relação com pastagens para criação de gado (Gráfico 1). Conforme observa-se nos dados, a produção de bovinos é expressiva somando um total de 38.100 cabeças no ano de 2019. No entanto, a área rural de Diamante do Sul não é marcada apenas pelas grandes extensões de pastagens, ou seja, não são apenas rebanhos bovinos que agregam a economia local. Exemplo é a criação de galináceos com 19.142 cabeças, de suínos com 5.065 cabeças, o rebanho de 1.047 vacas ordenhadas e 1.012 ovinos (IBGE, 2019).

**Gráfico 1:** Efetivo de pecuária e aves em Diamante do Sul-PR (2019)

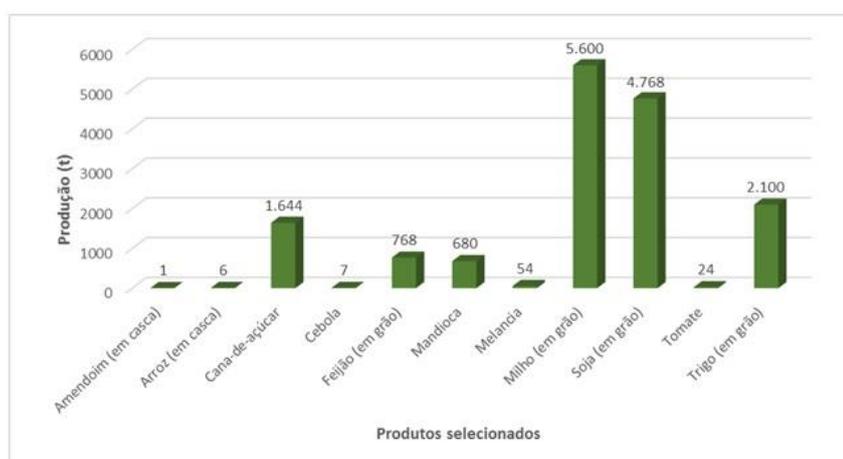


Fonte: IBGE, Produção Agrícola Municipal (PAM), 2019, Org.: ARRUDA, 2021.



Somadas a isso, há outros cultivos os quais não são exclusivos das grandes propriedades, a exemplo do Gráfico 2, que apresenta as lavouras temporárias produzidas no município, que são: amendoim, arroz, cana-de-açúcar, cebola, feijão, mandioca, melancia, milho, soja, tomate e trigo. Em 2019 as produções mais expressivas foram o milho, contabilizando 5.600 toneladas, seguido da soja com 4.768 toneladas e o trigo totalizando 2.100 toneladas. Nota-se que as culturas temporárias, principalmente o feijão (768 toneladas) e a mandioca (680 toneladas), representam alimento, produzido majoritariamente nas pequenas propriedades.

**Gráfico 2:** Cultura agrícola temporária Diamante do Sul- PR em toneladas (2019)



**Fonte:** IBGE, Produção Agrícola Municipal (PAM), 2019, Org.: ARRUDA, 2021.

Os principais produtos da extração vegetal do município são: a erva mate que gerou uma produção de 90 toneladas em 2019; o pinhão que gerou 2 toneladas; e a lenha com quantidade produzida de 70.818 m<sup>3</sup> (IBGE, 2019). As produções de origem animal em Diamante do Sul que se destacam são: o leite e a produção de bicho-da-seda. Conforme a Tabela 2, em 2019, a produção de leite foi de 2.826 mil litros, totalizando o valor de R\$ 3.249.000,00, enquanto que os casulos de bicho-da-seda totalizaram 148.800 quilos no valor de R\$ 2.873.000,00.



**Tabela 2:** Produção de origem animal em Diamante do Sul- PR (2019)

PRODUTOS	VALOR (RS 1.000,00)	PRODUÇÃO	UNIDADE
Casulos do bicho-da-seda	2.873	148.800	kg
Lã	3	990	kg
Leite	3.249	2.826	mil l
Mel de abelha	38	1.975	kg
Ovos de codorna	-	-	mil dz
Ovos de galinha	173	36	mil dz

**Fonte:** IBGE- Produção Agrícola Municipal (PAM), 2019.

Se por um lado temos a concentração de terras, podendo ser vista principalmente pelas grandes extensões de pasto na região, por outro, vemos a desigualdade, podendo ser percebida na paisagem do município. Esse contraste se espelha no Índice de Desenvolvimento Humano do município (IDHM), com um total de 0,608, considerado um dos mais baixos do estado do Paraná, estando na colocação 393º (IPARDES, 2021). A concentração de terras, realidade que se expande na questão agrária do Brasil, excluiu parte dos camponeses que não tiveram acesso à terra. Atualmente nas grandes propriedades em Diamante do Sul predomina a pecuária, enquanto que, na área urbana observa-se a desigualdade social.

Nesse contexto, a exclusão ao acesso à terra está interligada com a chamada “modernização da agricultura”, avançando no processo da concentração da terra. Camponeses assalariados, arrendatários, meeiros, acabaram sendo expropriados do meio rural. O relato de Isaias, contribui para entender esse processo:

Isaias: Porque aqui em Diamante, é... teve o processo de concentração da terra aqui violento na década de 70, e... muita gente migrou e os que ficaram, ficaram trabalhando em arrendamentos, ou trabalhando de peões, boa parte do que nós vemos, a Área Verde por exemplo, era gente que... que acabou sendo excluída dos arrendamentos né, que não teve mais espaço no campo e acabou tendo que ir pra periferia né.

Paulo: Lá nos anos 70, ou 60, já havia latifúndio aqui ou não? Grandes propriedades?

Isaias: já... já tinha grandes.

Paulo: Qual é o perfil da estrutura fundiária aqui de Diamante na tua avaliação?

Isaias: [...] a gente teria que olhar essas estatísticas né, mas é... concentra a grande maioria da terra né. Se fizer uma foto das comunidades aqui, na minha, na nossa comunidade aqui, se fizer uma foto, você vai que na beira deste rio aqui, tem alguns, pontuado algumas propriedades, depois daqui no rio Feio, que é no limite de Guaraniaçu... só fazenda! Se pega pra... daqui pra baixo até o rio Piquiri, praticamente só fazenda, nas outras comunidades também, são algumas, alguns aglomerados, perdidos do meio desses latifúndios aí. (NEVES, 2019).<sup>4</sup>

<sup>4</sup> As entrevistas de 2018 e 2019 fazem parte do Acervo de Fontes Oraís do projeto de extensão intitulado “Educação, Terra e Juventude em ambientes no Cantuquiriguaçu: Vidas Camponesas em Gerações e experiências de populações em assentamentos rurais em Campo Bonito e Ibema e em ocupação

Resultado da concentração de terras em Diamante do Sul foi a migração de algumas famílias para a ocupação suburbana conhecida no município como “Área verde” (Figura 2). Algumas pessoas que vivem na “Área Verde” sobrevivem de recursos da aposentadoria, ou algum tipo de auxílio, como Bolsa Família, outros permanecem trabalhando em fazendas da região em serviços de empreita, como seus filhos, conforme depoimento de Teresinha, moradora da Área Verde:

Paulo: A senhora veio morar aqui na Área Verde mesmo?

Teresinha: Quando eu saí de lá, eu já vim reto pra Área Verde.

Paulo: E aqui a senhora comprou a casa... como que a senhora fez?

Teresinha: Não... aqui não comprei nada, no começo que eu cheguei aqui, eu morei debaixo de um barraco de lona... daí que seu Luiz Kropowski (prefeito da época) me deu uma casa [...] eu não tenho casa, da onde vou ter dinheiro pra comprar uma casa [...] e eu só vivo com a pensão das criança, num tenho renda, num tenho nada.

Paulo: E os outros filhos da senhora estão aonde?

Teresinha: Tem aqui que mora comigo, mora a Rozilda, pertinho aqui, Arcinda... e a outra minha fia mora na Ibema e o meu caçula mora aí também, só que não tá na casa... mora tudo extraviado.

Paulo: Ele trabalha aonde o caçula?

Teresinha: Ele trabaia por dia nas fazenda também...

Paulo: Também?

Teresinha: uhum

Paulo: E esse trabalho por dia da fazenda o que eles fazem?

Teresinha: Ah, passam veneno, roçam... é isso... (FURQUIM, 2018)

**Figura 2:** Ocupação Suburbana Área Verde em Diamante do Sul- PR



Fonte: ARRUDA, 2018.

Por outro lado, há camponeses os quais vivem nas pequenas propriedades e forjam sua resistência, por meio do autoconsumo e de uma diversidade de atividades executadas, conforme dados que foram analisados. Exemplo da produção do leite, de ovos, soja, milho, galináceos, e também os sericicultores na produção do bicho-da-seda.

---

suburbana em Diamante do Sul”, coordenado pelo docente Paulo José Koling (Tc n. 144/2018-SETI/UGF/USF-UNIOESTE) e que contou com a participação da presente pesquisadora na equipe.



Importante analisar através das falas dos camponeses sericicultores de Diamante do Sul, os motivos que os levaram a escolher trabalhar com a produção de bicho-da-seda:

Clemair: No memo ano que compremo nós já... começemo a planta as amora, construímoo o barracão, aí depois que construímoo o barracão, daí construímoo a casa...

Paulo: Quando vocês compraram já tinha a intenção de vim aqui se estabelecer e criar o bicho-da-seda?

Clemair e João: Já, a intenção era essa...

Paulo: O que levou vocês a escolher fazer isso?

Clemair: Porque era a única renda que tava dando...

João: É quem tem poco, poco terreno aqui, que dá é isso só né? É só o bicho-da-seda que pode...

Clemair: Porque o mio só tem valor pra gente comprá né! Na hora de vender não tem valor, não tem... Igual a gente que é pequeno, tira uma safra por ano.

João: Que nem o milho tira uma safra por ano né? E o bicho-da-seda tira oito safra por ano, então ele dá mais, dá uma grande diferença né? E que nem o milho se não dá nada no ano, é... naquele prantio, perde tudo e o bicho-da-seda perdeu um mês, no outro já recupera né? Já é mais rápido... (MOURA; RAIMUNDA, 2019).

A sericicultura foi um caminho contraditório encontrado para permanecer no campo, pois com pequena propriedade de terra os camponeses teriam sérias dificuldades para se manter no campo se estivessem dedicados a produção de monoculturas como soja ou milho. Apesar dessa escolha, é importante frisar que não é necessariamente o bicho-da-seda que os mantém no campo, pois os mesmos possuem um conjunto de relações, trabalhos, cultivos que se complementam com a produção de bicho-da-seda. Além disso, a pretensão do camponês não é sair do campo, conforme esta fala:

Paulo: Vocês venderiam essa terra aqui por acaso?

Clemair: (Risos) Não porque pra compra outra maior nós não podemos, o dinheiro não dá né, e daí pra você vendê e querer trabaiaá por dia, por mês não dá né? porque aqui a gente tira o salário nosso e lá na cidade se for nós dois vamo tira o salário cada um porque a gente não tem estudo. (MOURA; RAIMUNDA, 2019).

Um fator que auxilia a produção de bicho-da-seda em Diamante do Sul é a paisagem natural. Ou seja, na área rural não há a predominância de plantações de *commodities*, o que implica menor quantidade de venenos, fator que favorece na sobrevivência das larvas. Realidade diferente de outros municípios da região, como em Ibema, no qual, alguns sericicultores tiveram que abandonar a produção por conta da alta quantidade de veneno utilizado nas propriedades vizinhas e que acabavam por matar o bicho-da-seda. Observa-se que em Diamante do Sul, pela condição de seu relevo acidentado, predominam as pastagens (Figura 3).



**Figura 3:** Área de pastagem em Diamante do Sul-PR



**Fonte:** ARRUDA, 2019.

Como vimos, a sericicultura é apenas uma das estratégias de sobrevivência dos camponeses de Diamante do Sul que vivem nas pequenas propriedades. Realidade que se expressa nas 142 famílias camponesas, com 143 barracões em uma área de 223 hectares (BRATAC, 2019). Se dividirmos o número de hectares pelo número de propriedades, nota-se que o resultado é menos de dois hectares para cada proprietário.

Nesse contexto, no Brasil é expressivo a produção dos casulos de seda, como podemos observar nos dados do ano de 2019, com um total de 3.057.140 quilos de casulos, rendendo um valor de aproximadamente R\$59 milhões (IBGE, 2019). O sul do país, principalmente no Paraná é que essa cultura se destaca. Dos 399 municípios paranaenses, 229 possui vínculo com a sericicultura, totalizando 7.685 criadores de bicho-da-seda (PAULINO, 2012). Se compararmos os dados do Brasil com o Paraná, nota-se que o estado é responsável pela maior porcentagem do total produzido no país. O que demonstra no ano de 2019, com a quantidade de 2.565.567 quilos, totalizando aproximadamente o valor de R\$49 milhões (IBGE, 2019).

Salientamos que, o fruto de toda a riqueza na cadeia produtiva do bicho-da-seda no Brasil e Paraná não se dá através do trabalho assalariado, mas sim, através dos sistemas de “parceria” com o uso do trabalho familiar nas propriedades camponesas.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das nossas leituras e dos dados analisados, compreendemos que o histórico da estrutura agrária no Brasil é um problema que se reflete no campo atual. Com a concentração fundiária excluindo famílias camponesas do acesso à terra, forçando estas a migrarem para as cidades, problema que se reflete na ocupação suburbana em Diamante do Sul. Alguns camponeses buscam através de movimentos sociais, dentre os quais, o mais expressivo é o MST, lutar pelo acesso e permanência na terra.

Vemos outras estratégias de sobrevivência para se manter no campo, como os camponeses sericicultores de Diamante do Sul. O sericicultor, apesar de possuir um vínculo com a empresa integradora, possui sua autonomia e busca modos para se recriar, mesmo que por vezes, de forma contraditória.

Muitos camponeses não tem outra opção a não ser migrar para as cidades. Sabendo das dificuldades que existem no meio urbano, trabalhar com bicho-da-seda é também uma forma de se recriar enquanto camponês, ou seja, uma forma de resistência encontrada para sobreviver do trabalho familiar.

Sabemos que o sericicultor está sujeito às regras e a exploração da Bratac, entretanto, é importante frisar que todo este processo é contraditório, sendo que, o camponês busca formas de resistência. Assim, a sujeição pode ser entendida como uma possibilidade contraditória de se recriar no campo, evidentemente vinculada com outras estratégias rotineiras, as quais produzem uma resistência mais “silenciosa”.

Importante salientar que este trabalho está em andamento, assim, há um longo caminho de discussões e contribuições que serão pertinentes para avançarmos na compreensão da problemática.

### Fontes Orais:

FURQUIM, Teresinha Alves. **Entrevista realizada por Paulo Koling, Edgar Smirdele e Vanessa Bueno Arruda.** Área Verde – Diamante do Sul/PR, 16/11/2019.

NEVES, Isaias Amaral das. **Entrevista realizada por Paulo Koling, Núbia Caroline S. dos Santos e Vanessa Bueno Arruda.** Localidade de Pinhalito – Diamante do Sul/PR, 07/06/2019.

RAIMUNDA, Clemair. **Entrevista realizada por Paulo Koling, Núbia C. S. dos Santos e Vanessa Bueno Arruda.** Alto Cascudo - Diamante do Sul/PR, 06/04/2019.

### REFERÊNCIAS

KAUTSKY, Karl. **A questão agrária.** São Paulo: Proposta Editorial, 1980.



LÊNIN, Vladimir Ilitch. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia: O processo de formação do mercado interno para a grande indústria.** São Paulo: Nova cultural, 1985.

MARTINS, José, de Souza. **Os camponeses e a Política no Brasil.** Petrópolis: Editora Vozes, 1981.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A agricultura camponesa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1996.

\_\_\_\_\_. **Modo de produção capitalista de produção, agricultura e reforma agrária.** São Paulo: Labur Edições, 2007.

PAULINO, Eliane Tomiasi. **Terra e vida: A Geografia dos camponeses no Norte do Paraná.** Tese de doutorado em Geografia. Presidente Prudente: Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2003.

\_\_\_\_\_. **Por uma Geografia dos camponeses.** São Paulo: Editora Unesp, 2012.

PAULINO, Eliane Tomiasi; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Terra e território: A questão camponesa no capitalismo.** São Paulo: Expressão Popular, 2010.